

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

REGINALDO RONNIE DOS REIS SILVA

Rappers, Mcs, Djs e Beatmakers: arte, lazer e aprendizado

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Rappers, Mcs, Djs e Beatmakers: arte, lazer e aprendizado

Reginaldo Ronnie dos Reis Silva

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Gestão de Projetos
Culturais

Orientador: Prof. Dr. Karina Poli Lima da Cunha

São Paulo

2020

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho e agradeço em especial ao mestre Enéas Enézimo (1974-2020), que nos deixou antes da data de entrega deste artigo, Perdemos um gigante que sempre lutou e trabalhou muito por várias causas dentro e fora do Hip hop, vencido pela COVID-19, doença que retrata o momento em que vivemos e desnuda o quão estamos a deriva, atravessando uma pandemia que aliada ao descaso e desgoverno no nosso país, principalmente nas periferias, tem levado muitos dos nossos irmãos e irmãs.

Agradeço ao Enézimo pela contribuição a esse artigo enriquecendo-o com suas sábias reflexões e em nome dos inúmeros artistas do hip hop, agradeço também, por toda a contribuição que fez ao longo de sua vida, atuando como Rapper, Arte Educador, ativista e amigo de todos, sempre carismático e disposto a conversar e passar a todos tudo que aprendeu e que tinha guardado na mente sobre o Hip hop e a vida, Enézimo é um dos caras mais sábios que já conheci, um verdadeiro griot do nosso tempo, com quem aprendi muito.

Agradeço a todos os mestres do Celacc. Nunca esquecerei das aulas dos professores Silas Ribeiro, Dennis Oliveira e Cláudia Fazzolari que muito me enriqueceram e às vezes até me emocionaram.

Agradeço à minha orientadora: Profa. Dra. Karina Poli, por sua paciência e dedicação ao me conduzir nesse artigo, possibilitando que eu me expressasse com sinceridade e liberdade. Agradeço também aos membros da banca, Profa. Dra. Joseane Alves Ferreira e Prof. Ms. Wladimir Wagner Rodrigues por todas as contribuições, críticas, sugestões e pelo carinho ao ler o texto minuciosamente.

Agradeço aos amigos do Rap com quem convivi e aprendi muito e que de alguma forma contribuíram com esse artigo: Sem Grana, Ricardo Mock, Kidaoeste, Cezar Kaab, Dj Abade, Dj Tati laser, os grupos de Rap Nacionais dos quais eu cresci ouvindo as musicas e que muito me agregaram na formação e educação: Racionais, Rzo, Consciencia Humana, Dina Di, Sistema Negro, DMN, GOG, Thaide, SNJ, SP Funk, Pepeu, Black Juniors, Mc Jack, os metralhas, Regiao Abssal, Comando de Mc, KGB, MRN, Cambio Negro, MVBill, etc...

Agradeço a minha mãe Vania Maria da Silva, que me levou no primeiro show e ainda hoje aos 72 anos é fã de Rap, agradeço a todos os ancestrais orixás e vodouns, todos os Terreiros, Roda de Samba, Capoeira, Casas de Hip hop, Saraus e todos os lugares de resistência aprendizado cura e confraternização do povo preto.

RAPPERS, MCS, DJS E BEATMAKERS

Reginaldo Ronnie dos Reis Silva

Resumo: Os Rappers, Mcs, Djs e Beatmakers formam juntos uma grande comunidade artística, onde há: troca de saberes, vivências, lazer e aprendizado, por meio de práticas, que apesar de pouco reconhecidas e legitimadas como expressões artísticas, exercem uma importante função na formação de jovens envolvidos com a música Rap. O presente artigo pretende construir uma reflexão, utilizando artigos, mídias e entrevistas com seus agentes, referentes às práticas culturais, discussões e dicotomias que envolvem o Rap, suas questões musicais, estéticas e históricas.

Palavras-chave: Mc. Beatmaker. Rapper. Dj. Rap. Hip hop.

Abstract: The Rappers, Mcs, Djs and Beatmakers, together form a great artistic community, where there is: exchange of knowledge, experiences, leisure and learning, through practices, which, although little recognized and legitimized as artistic expressions, play an important role in training of young people involved with Rap music. This article intends to build a reflection, using articles, media and interviews with its agents, referring to cultural practices, discussions and dichotomies that involve Rap, its musical, aesthetic and historical issues.

INTRODUÇÃO

O presente artigo transformou-se enquanto se construía. A ideia inicial partiu da ânsia de escrever sobre o Rap, uma arte a qual faço parte desde a década de 90, período que ficou conhecido como a “era de ouro do Rap”, em que emergiram as memoráveis produções e produtores do gênero.

Os gêneros musicais mais ouvidos entre as pessoas próximas a mim eram o samba, pagode, axé da Bahia, muito funk e soul, cujo as referências eram cantores pretos americanos e brasileiros: *James Brown* (1933-2006), *Tim Maia* (1942-1998), *Gerson King Combo* (1943-2020) entre muitos outros..

Os primeiros discos de Rap brasileiros foram gravados pelas grandes equipes de baile, chamávamos de balanço, melô... Eram versões em português de músicas americanas. Faziam muito sucesso entre nós, talvez por falarem coisas do nosso dia a dia, em cima de ritmos que já gostávamos. Eram letras inteligentes, divertidas e o ritmo era bem dançante. “Ritmo marcante hipnotizante, marcando o compasso com o peso do elefante, qualidade e nível, só quero raça, máquina de dança pra esquecer toda desgraça” (DYNAMIC DUO, 1989).

Enquanto adolescente, preto, presenciei também nos anos 90 uma forte repressão policial nas periferias de São Paulo, fato que merece ser citado, pois, de certa forma contribuiu, entre outras coisas, para minha identificação com o Rap. Pânico na zona sul:

*Então quando o dia escurece
Só quem é de lá sabe o que acontece
Ao que me parece prevalece a ignorância
E nós estamos sós
Ninguém quer ouvir a nossa voz
Cheia de razões calibres em punho
Difícilmente um testemunho vai aparecer
E pode crer a verdade se omite
Pois quem garante o meu dia seguinte
(RACIONAIS, 1991)*

No ano de 1990, com 13 anos de idade, já era frequentemente abordado pela polícia. Ouvia sempre deles, perguntas que soavam mais como afirmações: - você usa droga!? - já foi preso!? etc... Em contato diário com a violência, esses “enquadros” desencadeiam muitos outros “enquadramentos” desnecessários, a que eu e muitos outros jovens se submeteram: o medo, culpa, falta de identidade, os estereótipos etc. Foi nesse contexto que escolhi o Rap como principal expressão artística. Os Rappers não eram artistas intocáveis como a maioria

dos grandes artistas da época, eram pessoas comuns como nós, chegavam a nós pelo rádio, dialogando, usando as mesmas gírias, os mesmos códigos. As músicas usavam samplers¹ de músicas que nossos pais ouviam, conferindo-me um sentimento de valorização da minha ancestralidade. Nas capas dos discos, os Rappers se mostravam como artistas jovens, pretos, de boné e calça larga, de cabeça erguida e olhar sincero. Tudo no Rap dialogava comigo.

Quando passei a produzir e consumir Rap, eu passei a ser parte de uma rede de conhecimentos, de troca de saberes e vivências, o contato com o Rap e o Hip hop, me proporcionou um aprendizado informal, que contribuiu com a formação da minha personalidade. Comecei a aprender muitas coisas com os Rappers, coisas que as mídias não mostravam e a escola não explicava, coisas sobre negritude por exemplo... o que começou como uma música para curtir, passou a preencher algumas lacunas na minha personalidade, proporcionando conhecimento, autoestima, arte e lazer.

Fiquei estarelecido, quando ouvi pela primeira vez a música: *Homem na Estrada* (Racionais). A letra era sobre a saga de um ex-detento tentando se reintegrar à sociedade, tendo que enfrentar todas as barreiras sociais que o impediam. A base musical era composta por um trecho da música romântica: *Ela Partiu* (Tim Maia). As linhas melódicas dessa música foram recortadas e reagrupadas por um Beatmaker, para servir de base musical para esse Rap. As notas mais graves foram evidenciadas e foram acrescentados alguns timbres eletrônicos de bateria. Em alguns trechos da música, ouvia-se ao fundo a voz inconfundível de Tim Maia cantando algumas frases e vocalizes, que foram capturados da música original. A voz do Rapper (Mano Brown), era forte e imponente. A letra denunciava a violência policial, o racismo e o descaso do Estado, falando do ponto de vista de um marginalizado. Todo o conjunto musical parecia subverter uma ordem. A música de Tim Maia foi ressignificada e chegou aos nossos ouvidos de uma outra forma, um pouco mais dramática e estilosa, mais grave e dançante, mais jovem e renovada.

O Rap, assim como outras artes contemporâneas, possui esse poder de ressignificar as coisas e isso me cativou. Os Rappers criavam sua própria expressão artística, seu próprio “mundo” em que eu me sentia parte. Estava em comunhão com algo que me parecia real, verdadeiro, uma ferramenta para resistir às verdades impostas, uma esperança de inverter ou subverter a ordem das coisas.

¹ trechos de músicas, falas, sons, manipulados e reagrupados, para compor o beat, a base musical do Rap.
(NOTA DO AUTOR)

Em meio a indiferença das culturas hegemônicas da época, pude finalmente experimentar o fazer artístico tão inerente a todo ser humano, porém, por meio de uma arte mais conectada com a realidade, pois é parte dela.

Sempre estive envolvido com esse gênero musical em todas as instâncias, seja ouvindo, produzindo, ou consumindo.

Tive através do Rap, acesso à informação, cultura e diversão. Nem todos os sons eram construídos com sentimentos de revolta, muitos eram sons pra dançar e se divertir, e ainda assim eram revolucionários, pois, lazer também é um direito que muitas vezes nos é negado.

Ao longo da vida, conheci muitos outros artistas, cantamos em vários palcos, fizemos shows às vezes com a presença de artistas internacionais, construímos muito diálogos, aprendizados e trocas, entre os Rappers. Conversamos muito sobre Rap e várias outras coisas, aprendemos e evoluímos uns com os outros. O Rap é como uma grande comunidade, onde juntos buscamos construir reflexões sobre tudo, desde coisas do dia a dia, das alegrias e dificuldades que atravessamos, até os assuntos sobre música e a cadeia produtiva, a fim de encontrar caminhos que nos possibilitem, continuar a exercer nossa arte e compartilhá-la com as novas gerações.

Quase três décadas depois, através da educação formal, pude vislumbrar a possibilidade de falar dessas culturas, do ponto de vista de um Rapper, de compartilhar as trocas e aprendizados adquiridos por meio da convivência e oralidade, entendendo o Rap como música e arte. Instigado a criar mais uma reflexão, mais uma ferramenta de construção de conhecimento nessa comunidade, decidi neste artigo, dedicar-me a falar sobre os agentes que fazem parte dessa comunidade artística: os Rappers, Djs, Mcs e Beatmakers, e sobre o papel que essa arte exerce na formação de quem é ligado a ela.

Essa ânsia tornou-se uma inquietação, pois, ao tentar fundamentá-la, me deparei com poucos trabalhos que abordaram o Rap do ponto de vista artístico. A maior parte dos poucos livros e teses que tive acesso, observavam de forma superficial, não como um fenômeno sociocultural, mas apenas social. Poucos trabalhos a que tive acesso, pesquisaram o Rap a partir de seu processo criativo musical, sua cadeia produtiva considerando todos os agentes envolvidos nessa produção. Pude perceber que o olhar da academia, não representava o universo o qual eu faço parte.

Me vi dentro de um paradoxo. Eu, um Rapper, procurando entender como a academia observa o universo de onde eu venho, ao mesmo tempo querendo escrever um texto que retratasse o Rap a partir de sua produção musical, sua estética e formas de produção, ou seja como arte e gênero musical.

Minha primeira iniciativa foi tentar conduzir a pesquisa para compreender o Rap e suas práticas de criação musical como expressões artísticas autênticas, segundo as teorias da arte, mas, logo me deparei com um conjunto de referências que me apresentaram uma profunda discussão estética e uma extensa bibliografia sobre história da arte e teoria estética, que me desencorajou de seguir esse caminho, não por falta de interesse, mas por dificuldades em relação a complexidade do tema e o pouco tempo para a escrita deste projeto. Assim, decidi primeiramente fazer uma pesquisa nas bases de dados da USP para compreender como o Rap é observado pela academia, usando como fonte dissertações de mestrados defendidas nos últimos 20 anos. Em seguida, procurei observar outros trabalhos acadêmicos de universidades brasileiras, na tentativa de encontrar referências que me ajudassem a construir um argumento de pesquisa, capaz de expressar as características do Rap. Para ajudar na construção dos argumentos, optei por fazer uma pesquisa com profissionais, Rappers, Djs, e Beatmakers, com o objetivo de entender como os próprios artistas compreendem esse “universo”, apresentando para o leitor o papel desses agentes na composição da música que representa o gênero e descrever seus processos de produção, a partir de sua própria perspectiva estética e musical.

O que é Hip hop?

Hip hop é “uma contracultura, um movimento sócio-cultural, um estilo de vida, a filosofia das ruas” (TONI C., 2014, p.53). Em torno desse movimento sócio-cultural, vários agentes se articulam e interagem, produzindo múltiplas expressões artísticas, sociais e estéticas. Existem quatro, dentre esses agentes, que constituem os pilares estruturais do movimento: O Dj, Mc, Grafiteiro e Breaker. Os quatro elementos do Hip Hop, representam diferentes expressões artísticas: Entre elas as artes plásticas representada pelo *Grafite*, a dança *Break* e a música *Rap*.

De acordo com Toni (2014), o Hip hop se popularizou no Estados Unidos na década de 70, no bairro do Bronx, Nova Iorque, local considerado oficialmente como o berço do Hip hop, porém, por se tratar de um movimento tão globalizado, existem muitas controvérsias sobre onde se deu seu surgimento e onde nasceram suas primeiras expressões artísticas. “A maior cultura juvenil globalizada do planeta não nasceu num único lugar, muito menos num só momento”. (TONI C., 2014, p. 18).

Em pesquisas realizadas na internet, pude encontrar registros de manifestações artísticas que fazem parte do Hip hop, sendo praticadas em outros países do mundo e em datas anteriores a 1970, data de início oficial no EUA, por exemplo; uma performance de break, datada de 1950, em Kaduna, Norte da Nigéria² e a prática dos Djs que já existiam em Kingston, Jamaica, desde os anos 60. Em meio à realização dessas festas, jovens disc-jóqueis recitavam versos improvisados sobre mixagens sonoras artesanais, referidas por Micael Herschman, como “repentes eletrônicos que ficaram posteriormente conhecidos como Raps”. HERSCHMAN³ (2000, p.19 apud ALVES, p. 61). Alves, em sua tese de mestrado (De repente o rap na educação do negro: o rap do movimento hip-hop nordestino como prática educativa da juventude negra), nos traz reflexões sobre as práticas dos cantadores nordestinos, e sua convergência com a poesia falada dos Rappers, argumentando que o improviso mnemônico praticado no repente⁴, no freestyle⁵ e outras modalidades de poesia vocal, que emergem em várias partes do mundo, remete-nos aos griots e às tradições orais africanas. “A compreensão da influência dessas práticas ancestrais, que resultaram na técnica do improviso

² Performance disponível no link:

<https://www.huntleyarchives.com/preview.asp?image=1098274&itemw=4&itemf=0002&itemstep=1&itemx=20>

³ HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip hop invadem a cena. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

⁴ Arte típica do nordeste brasileiro, baseada em versos cantados na forma de improviso poético. (nota do autor)

⁵ Estilo de Rap onde a letra é criada pelo Mc no momento em que se canta. (nota do autor)

*toast*⁶ desenvolvida pelos DJs jamaicanos, é de fundamental importância na constituição do que hoje chamamos de Rap” (ALVES, 2008, p. 46). Posteriormente, esta técnica foi reproduzida e aperfeiçoada, sobretudo, a partir da cidade de Nova Iorque.

A expansão do Hip hop se deu em Nova Iorque, por conta do forte movimento de migração jamaicana para o EUA ocorrido nos anos 70. “Ali, uma importante parceria cultural iria se consolidar entre a população afro-descendente e hispânica”. (ALVES, 2008, p. 61).

As manifestações artísticas do Hip hop, se articulam em torno da música, sendo assim, os DJs foram peças fundamentais para o surgimento do Rap e do Hip hop, entre eles, os pioneiros mais conhecidos são: *Dj Kool Herc (1955-)*, *Afrika Bambaataa (1957-)* e *Grand Master Flash (1958-)*. Nas ruas do bairro do Bronx, Nova Iorque, apoderando-se do espaço urbano, ao som das performances desses djs, os grafiteiros e B.Boys desenvolviam suas expressões artísticas. “O grafite se desenvolveu a partir da demarcação de territórios por parte dos jovens de periferia, na forma de assinaturas pintadas sobre paredes, ou seja, as tags”. (ALVES, 2008, p. 66). Nos primórdios do break, garotos porto-riquenhos da periferia de Nova Iorque, dançavam ao som da soul music inspirados no grande artista americano James Brown, por volta de 1969, nas festas de rua promovidas pelos Djs. Novas coreografias eram incorporadas a dança, algumas em forma de protesto à Guerra do Vietnã, que recrutava muitos desses jovens de periferia, na maioria negros e hispânicos. O giro de cabeça com as pernas abertas para o alto, sugeriam a ação dos helicópteros em combate, assim como, alguns movimentos “quebrados”, denunciavam a situação dos mutilados de guerra e a robotização da sociedade. Conforme argumenta o antropólogo João Carlos Gomes da Silva, em estudo sobre a experiência paulistana do Hip-Hop, citado por Alves (2008)

Diante da desagregação de instituições tradicionais, como a família, e a falência dos programas sociais de apoio, as posses se consolidaram no contexto do movimento Hip hop como uma espécie de “família forjada” pela qual os jovens passaram a discutir os seus próprios problemas e a promover alternativas no plano da arte. (...) As festas de rua transformaram-se em momentos de lazer e reflexão nos quais a dança, o Grafite e o Rap tornaram-se expressões de uma nova consciência política. Portanto, desde as origens o sentido da arte no âmbito do movimento Hip-Hop associa-se ao vivido”. SILVA⁷ (1999, p. 2 apud ALVES, 2008, p. 68).

⁶ Técnica desenvolvida pelos Djs Jamaicanos na década de 60, baseava-se em versos improvisados cantados por eles, sobre suas mixagens sonoras. (nota do autor)

⁷ GOMES DA SILVA, José Carlos. Arte e educação: a experiência do hip-hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine (org). Rap e educação, rap é educação. São Paulo: Summus/Selo Negro, 1999.

O lendário Dj Kool Herc, era um dos imigrantes Jamaicanos vivendo no Brooklyn e foi um dos fundadores do Hip hop como conhecemos hoje, mesmo vindo da Jamaica com pouca idade, trouxe ao bairro do Bronx a cultura dos Djs e das block parties (festas de bairro/bloco), onde as pessoas se divertiam e se expressavam, dentro de um ambiente e formato que futuramente viria a ser conhecido como cultura Hip hop.

Lance Taylor, ou Afrika Bambaataa como era conhecido artisticamente, era músico, produtor e fundador da *Zulu Nation*. Com forte ligação com a África, buscou lá, inspiração para seu trabalho frente a esta organização, que possui filiais em vários países inclusive no Brasil, criada com a finalidade de diminuir a violência entre os jovens, por meio do contato com a arte. Afrika Bambaataa foi responsável por dar nome ao Hip hop e estabelecer suas diretrizes. Ele mesmo conta como fez isso, em entrevista cedida a Revista Raça, quando esteve no Brasil 2016⁸.

Ao unir meu conhecimento com a Zulu Nation, conseguimos nomear o Hip hop como cultura. Ninguém disse que o movimento que iniciamos se chamava Hip hop, ninguém o reconheceu como um movimento mundial. Mas ele nasceu no Bronx, em Nova Iorque, embora o Rap seja tão antigo quanto o ser humano. (REVISTA RAÇA, 2016)

O Hip hop é portanto uma cultura Urbana, um movimento sócio-cultural que possui em sua essência fragmentos da cultura tradicional oral africana, emergiu entre afrodescendentes e hispânicos nos Estados Unidos na década de 70 e espalhou-se pelo mundo todo, sendo influenciada por cada espaço urbano e cultural onde se manifesta. Baseada nas fusões interculturais que tiveram lugar a partir do contato entre a tradição enraizada na África Negra, na América Hispânica e no Caribe (ALVES, 2008, p. 62).

Devido a complexidade e abrangência desse movimento, os diálogos sobre Hip hop neste artigo, seguem detendo-se mais a um dos seus elementos; a música Rap. que talvez seja o elemento mais difundido ou que tenha ganhado maior visibilidade, em torno do qual giram as outras expressões.

A palavra “Rap” surgiu de uma abreviação da frase “*rhythm and poetry*” (ritmo e poesia). Eventualmente, entre as pessoas ligadas ao movimento, usa-se também o termo Hip

⁸ Entrevista cedida a **Revista Raça**, em 30 de outubro de 2016, disponível no link: <https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/>

hop ao referir-se a música. Para as pessoas que não fazem parte desse universo, pode parecer confuso um único termo para referir-se tanto ao movimento quanto à música que é parte dele, por isso, neste artigo, usarei a palavra Rap para me referir a música e Hip hop para o movimento.

Para animar a festa e contribuir com os dançarinos, usando dois toca discos como instrumento, o Dj selecionava apenas a parte mais dançante de uma música, e intercalando com a parte mais dançante de outra e ignorando todo o resto, criava algo diferente, uma base, que constitui o fundo musical para as letras. “Estas, por sua vez, em geral lisonjeiam a habilidade do DJ para selecionar e sintetizar a música propícia, e o talento lírico e rítmico do Rapper (chamado MC, "master of ceremony")”. (SHUSTERMAM, 1998, p.145)

As técnicas dos Djs nasceram antes mesmo do Rap existir como gênero musical no mercado fonográfico. Até então o gênero só existia como performances ao vivo de Dj's, que consistia em manipular dois toca-discos simultaneamente, tocando trechos de várias músicas, intercalando-as entre um toca-discos e outro, construindo assim uma nova base musical, subvertendo uma música em outra mais dançante, onde, em cima dessa nova base, os jovens dançavam e os Rappers faziam os primeiros coros e improvisos. Uma música diferente era criada a partir da performance do DJ.

Assim ele convertia um equipamento elétrico (toca-discos), destinado ao público consumidor, com a finalidade de reproduzir músicas, em um instrumento musical, uma ferramenta de trabalho para os Dj's, utilizada por eles desde o início do Hip hop até os dias atuais.

A música: *Rapper's delight* (Sugarhill gang, 1979) é considerada oficialmente uma das primeiras gravações de Rap. Para produzi-la em estúdio, foram contratados músicos tradicionais, que, na tentativa de reproduzir com a banda, uma música com características estéticas parecidas com as daquelas feitas nas festas de rua a partir da performance dos Djs, tocaram em loop, um trecho do clássico da Disco, a música: *good times* (*Chic*, 1979). onde em cima desse loop, uma letra extensa e com poucas variações melódicas foi cantada e considerada o primeiro Rap do mercado fonográfico. “Os produtores do disco contrataram a banda de apoio da gravadora *Sugarhill Records* para gravar o riff principal da música *Good Times* e servir de base instrumental para a performance dos Rappers”. (TEIXEIRA, 2018, p. 33)

O Hip hop e o Rap no Brasil

Conforme relatado no curta metragem dirigido por Alice Riff: *Orquestra invisível let's dance* (2017), seu Osvaldo, o primeiro DJ do Brasil, embalava a vida social dos bailes populares da década de 50 e 60, com auxílio de um equipamento de som valvulado que ele mesmo construiu e apelidou de orquestra invisível. Na zona norte de São Paulo havia os bailes de orquestra que a elite frequentava, seu Osvaldo e toda comunidade negra da região ficavam em volta sem poder entrar. Não havia espaço para o público de baixa renda e principalmente para negros nesses lugares. Na época seu Osvaldo começou a organizar festas tocando as mesmas músicas ouvidas nos grandes bailes, ele tocava essas músicas atrás de uma cortina ligando seu toca-discos a um sistema de som valvulado de potência.

Depois da *orquestra invisível let's dance*, surgiram muitos outros bailes com aparelhos valvulados por toda São Paulo, muitas equipes de Djs organizavam bailes dedicados à população negra, onde milhares de pessoas se reuniam toda semana, para ouvir músicas de gêneros como: *jazz, soul, samba, etc.* um conjunto de gêneros musicais derivados da cultura negra, que por conta da diáspora africana no mundo, emergiu em vários países e ficaram conhecidos por seus ouvintes como: *Black Music*. Sem se dar conta, o Baile *Black* tornou-se um movimento de identidade através da música: Movimento *Black*, chegando ao ponto de levar cerca de 20.000 pessoas, a maioria pretos e pretas, aos clubes e bailes.

Nelson Triunfo (1954-), é precursor do Hip hop no Brasil, ele transitou entre o Movimento *Black* e o nascimento do Hip hop brasileiro, transformando-se no nosso maior ícone. Nascido no sertão pernambucano, na cidade de Triunfo, que ele carrega em seu nome artístico e radicado em São Paulo, foi influenciado tanto pelas danças nordestinas como frevo e forró, quanto pela onda do *Soul* que se espalhava pelo Brasil na época e já contava com grandes artistas brasileiros, como o cantor e dançarino: *Toni Tornado, Gerson kingkombo, Tim Maia...* Com seus saberes, personalidade e estilo, Nelson Triunfo é a personificação da mistura que forjou o Hip hop no Brasil. Nelson Triunfo fundou a *Funk Cia*, uma equipe de dança que se apresentava inicialmente dentro dos bailes blacks de S.P., Posteriormente a equipe foi pra rua e se instalou na esquina entre as ruas: 24 de Maio e D. José de Barros, no centro de São Paulo, a exemplo de como aconteceu em outros países o Hip hop emergiu na rua, no centro de uma cidade cosmopolita com seus cidadãos vindos de todos os cantos do país, principalmente norte e nordeste, onde por exemplo, na mesma calçada, via-se uma roda de repente da dupla Caju e Castanha e uma roda de dança liderada por Nelson Triunfo. Com o passar do tempo uma legião de jovens artistas começaram a se reunir no metrô São Bento,

dando continuidade às práticas iniciadas por Nelson Triunfo e a Funk Cia, nesse local encontravam-se grandes nomes do Rap, renomados Grafiteiros e B.boys, até então apenas jovens aprendendo e fazendo parte de uma nova cultura urbana.

As grandes equipes de baile, foram responsáveis também por difundir o Rap ao grande público. Foi no bailes black onde se popularizou o Rap Nacional e o Funk Carioca, que depois de consolidado nos bailes chegou ao rádio, alcançando os lares das periferias do Brasil. Foi no baile Black onde surgiu Pepeu, “o primeiro Rapper a gravar um disco no Brasil, produção do memorável DJ Cuca, no ano de 1985”. (TONI C., 2014, p. 46). Pepeu começou a cantar nos bailes promovidos por grandes equipes de Dj’s como as equipes *Soul Train*, *Kaskatas*, *Chic Show*, *Blackmad* e *Zimbabwe*. Suas primeiras músicas eram versões em português de alguns Raps americanos, que já eram sucesso nesses bailes, até então eram conhecidos como balanço, melô...

Durante a seleção de músicas dos DJ’s, Pepeu entrava no palco cantando em cima de uma base instrumental de Raps americanos, sua versão em português. Suas letras seguiam a mesma métrica e variação melódica da música em inglês, porém, com muita criatividade, ele trazia letras inteligentes e divertidas, que falavam coisas do nosso dia-a-dia. A primeira música do Pepeu a ser gravada foi: “Melô do Bastião”, em meados de 1985. A música era conhecida do público nos bailes e nos programas de rádio especializados em *Black Music*. Era uma versão gravada em fita, que posteriormente foi produzida pelo *Dj Cuca* e gravada em vinil como parte da Coletânea: *Remixou Dançou, Selo: Epic, 1987*, junto com grupos e cantores famosos na época, de outros gêneros, entre eles: *Claudio Zoli*, *João Bosco*, *Leo Jaime*, *Guilherme Arantes*, e a banda *Tokyo*, mostrando que o Rap já chegou ao mercado fonográfico brasileiro, disputando espaço com grandes nomes da música.

A primeira coletânea só com grupos de Rap nacionais foi: *Hip Hop Cultura de Rua, selo Paralelo, 1988* com os grupos: *Thaide & DJ Hum*, *Código 13*, *MC Jack*, *O Credo*. Nesse mesmo ano, o grupo: *Região Abissal* gravou o primeiro álbum completo de um grupo de Rap (Região Abissal, Hip Rap Hop, Continental, 1988), marcando também o início das práticas do Beatmaker no Brasil, pois eles, usando técnicas e equipamentos eletrônicos avançados pra época, produziram todas as faixas do seu disco, um diferencial entre os outros grupos, que até então produziam remixes, versões de músicas internacionais. O grupo realmente marcou o Rap no Brasil com o seu álbum que era um conjunto de boas letras, batidas, e scratches, difundindo as práticas dos Djs, Mcs e Beatmakers.⁹ A partir daí surgiram muitos outros grupos, o movimento cresceu rapidamente e surgiram grandes nomes do Rap Nacional.

⁹ fonte: documentário **Hip Rap Hop: Região Abissal**: o primeiro disco de um grupo de Rap Nacional, 2014

O Rap na Academia

A fim de conhecer as contribuições já feitas nesta universidade e verificar a hipótese de que o Rap é tratado na universidade como um fenômeno social, esvaziado de suas características artísticas, fiz uma pesquisa junto a teses e dissertações sobre Rap, utilizando a base de dados DEDALUS, Biblioteca onde estão catalogadas as dissertações e teses defendidas na USP, especificamente nos câmpus: Escola de Artes e Ciências Humanas (EACH), Escola de Comunicações e Artes (ECA) e Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas (FFLCH).

Para essa pesquisa utilizou-se como palavra chave os termos: Rap, Rapper e Beatmaker. A pesquisa realizada no dia 10/10/2020, retornou, um total de 11 teses. Utilizando-se o termo Rap existem 9, utilizando o termo “Rapper” na pesquisa, acrescenta-se mais duas teses. O termo Beatmaker não retornou nenhum resultado. Esses números, por si só, já desnudam alguns incômodos que senti após a tentativa de escrever sobre a arte que vi, ouvi e vivi desde a adolescência.

Analisando o resultado da pesquisa, subentende-se que o Beatmaker, não é um objeto de pesquisa nos trabalhos acadêmicos. Enquanto estilo musical (Rap), ou músico (Rapper), já é possível identificar alguns trabalhos que tratam desses objetos de pesquisa, porém, também foi possível identificar, que a maior parte dos trabalhos foram defendidos em programas de Pós-Graduação ligados às ciências sociais e apenas um ligado a programas de arte.

Tabela 1 - Retorno das pesquisa de teses realizada utilizando a palavra “Rap”:

Campus	Autor				
	Curso			Ano	
EACH- Escola de Artes e Ciências Humanas	Oliveira, Sílvia Cristina de Linguística 1999				
ECA- Escola de Comunicações e Arte	Santos, Rosana Aparecida Martins 2002	Tristão, Gustavo da Silva Comunicação Social 2018	Andrade, Rogério Pelizzari de Ciências Da Comunicação 2019		
FFLCH- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	Oliveira, Sílvia Cristina de Linguística 1999	Silva, Edna Alencar da Letras 2011	Segreto, Marcelo Linguística 2015	Wernet, Klaus Antropologia. 2018	Plácido, Ricardo do Ó 2019

Tabela 2 - Retorno das pesquisa de teses realizada utilizando a palavra “Rapper”:

Campus	Autor	Curso	Ano
EACH- Escola de Artes e Ciências Humanas			
ECA- Escola de Comunicações e Arte			
FFLCH- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	Magalhães, Elisabete Freire	Lopes, Charleston Ricardo Simões	
	Psicologia	Letras	
	2002	2015	

Tabela 3 - Retorno das pesquisa de teses realizada utilizando a palavra “Beatmaker”:

Campus	Autor	Curso	Ano
EACH- Escola de Artes e Ciências Humanas			
ECA- Escola de Comunicações e Arte			
FFLCH- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas			
	Nenhuma tese encontrada		

A maioria das teses foram escritas por alunos da FFLCH, dos cursos de letras, psicologia, linguística e antropologia, que em sua maioria tentam analisar questões sociais, de comportamento, consumo, identidade, entendendo o Rap como ferramenta que possibilita articulação com esses fenômenos. Contudo é necessário reconhecer que há outras inúmeras razões para tornar-se um Rapper. Se expressar artisticamente é uma dessas razões.

Os Rappers são músicos que escolheram o Rap como expressão artística. Essa arte, assim como outras artes populares, precisa ser sentida para ser entendida. Ela nasce na prática, no contato humano e está intrinsecamente ligada à sua realidade, personalidade e estilo de vida. "Os Rappers privilegiam uma estética de profundo envolvimento corporal e participante, em relação tanto ao conteúdo como à forma. Eles querem ser apreciados por meio da dança vigorosa e passional, não por meio da contemplação imóvel ou do estudo indiferente." (SHUSTERMAN, 1998, p. 163). Não há como analisar um Rap por meio de partituras, nem tampouco se pode compreender em sua totalidade analisando-se apenas a letra. "Arrepiam a pele negra quando Rap soa... quem é é, quem não é cabelo avoa..." (SP FUNK, 2001).

Alguns dos artigos catalogados me chamaram a atenção, entre eles, um cujo autor é: Rogério Pelizzari de Andrade (Rap, funk, pop internacional: percepções dos professores sobre as referências musicais dos alunos). Esse artigo trata das referências musicais de alunos da rede pública na cidade de São Paulo. Nele encontrei algumas pesquisas que mostram o Rap como um estilo musical, que está entre os estilos mais ouvidos por esses jovens, esta é uma informação que contrasta com a pouca quantidade de teses publicadas e com o fato de, a maioria dessas teses não observarem o Rap pela perspectiva da produção musical ou artística.

Contudo, o presente artigo, busca por meio de pesquisas e entrevistas participativas, construir uma reflexão sobre a música Rap, seus produtores, músicos e artistas, buscando entender como se dá o processo criativo do Rap, se existe uma cadeia produtiva para os músicos e trabalhadores envolvidos nesse processo e qual o valor simbólico, histórico, financeiro dessa arte.

Um olhar da academia para o Rap como Arte

Ao procurar por teses sobre Rap e Hip Hop em outras faculdades brasileiras, encontrei algumas muito interessantes, duas em especial, uma de Minas Gerais e outra da Paraíba, me chamaram mais a atenção, pois pareciam realmente falar de dentro dessa comunidade:

Na primeira tese (Geração boom bap: sampling e produção musical de rap em belo horizonte), de Michel Antônio Brasil Teixeira (2018), o autor trata sobre o aspecto musical do Rap, trazendo uma extensa pesquisa sobre o gênero, seus produtores e sua história, com foco principal nos beatmakers, em especial uma geração desses produtores em Belo Horizonte, conhecida como geração boom bap. Segundo Teixeira (2018), essa geração de Beatmakers tem o sampler como principal técnica de produção e suas obras musicais tem características estéticas bem particulares. “E ainda que o sampling não seja tão determinante para a sonoridade do Rap atualmente, ele ainda opera como uma referência timbrística e processual de diferentes maneiras” (TEIXEIRA, 2018, p.15). Teixeira fez um histórico sobre a produção musical de Rap, trazendo muitas informações importantes acerca desse processo criativo. O autor também admite ter encontrado dificuldades em encontrar referências brasileiras, tendo que traduzir vários textos para incluí-los em sua tese, convertendo-a em uma rica contribuição para os artistas e pesquisadores sobre o gênero no Brasil. “Investigar a diáspora sonora do Rap se torna essencial para a musicologia da música popular contemporânea, que precisa refletir o impacto social deste complexo de relações históricas, sociais e musicais que o gênero representa”. (TEIXEIRA, 2018, p.18).

A maioria dos pesquisadores que escreveram sobre Hip hop não procurou ou não teve acesso a esta comunidade. Secundariamente, a maioria dos acadêmicos que estudaram o Hip hop são provenientes de disciplinas que estão voltadas para os textos ou processos sociais, ao invés de estruturas musicais. Em outras palavras, seu interesse pelo Hip hop não está na música. Mas esta abordagem – legitimada em seus próprios termos – só reforça a noção de que os aspectos não verbais do Rap não são dignos de atenção. SCHLOSS¹⁰ (2014, p. 20, apud TEIXEIRA, 2018, p.18).

¹⁰ SCHLOSS, Joseph. **Making Beats**: the art of sample based hip hop. Middletown: Wesleyan University Press. 2014.

Na segunda tese: (De repente o rap na educação do negro: o rap do movimento hip-hop nordestino como prática educativa da juventude negra), de Valmir Alcantara Alves (2008), o autor nos tras a importância da oralidade afrobrasileira na construção de saberes, pressupondo que juventude negra também tem seus códigos de escrita, de memorização, de utilização verbal, entendendo que o Rap como elemento musical do movimento Hip-Hop, aliado ao Repente Nordestino, pode se constituir como prática educativa entre a juventude negra da cidade de João Pessoa - PB.

Segundo Alves os saberes contidos em culturas populares como o Rap e o Repente, ultrapassam os contidos na cultura livresca ou acadêmica e sugerem uma transformação e protagonismo juvenil. “O campo musical deste movimento tem sido um efetivo canal por onde diferentes grupos culturais da juventude expressam seus modos de ser, gestam novas formas de sociabilidade e podem constituir identidades coletivas” (ALVES, 2008, p. 34).

Além dos desdobramentos educativos, que esse fazer artístico exerce na juventude negra, o autor escreve sobre a influência nordestina na cultura Hip Hop brasileira lembrando que embora seu início tenha se dado na cidade de São Paulo, seus maiores ícones quando não nordestinos eram descendentes vivendo em São Paulo, a exemplo de Nelson Triunfo, com seu grupo Funk Cia, bem como o seu conterrâneo nordestino, o DJ e também B.boy Nino Brown, entre outros.

O Rap brasileiro tem, sim, sua fonte inspiradora no Repente nordestino, que traz no seu som ensurdecido todo um nordeste moderno, com sua ancestralidade medieval e ao mesmo tempo atual, conectado com o mundo, pois, em se tratando de “globalização”, o Nordeste brasileiro se estabelece como primeiro lugar do Brasil que manteve contato com outras culturas, desde a africana até a dos europeus. Assim, tratamos o Rap como objeto de pesquisa na sua ampla complexidade de formação, reconhecendo que suas práticas políticas e sócio-culturais também podem ser interpretadas como práticas educativas, numa dinamização da juventude excluída dos bens da modernidade, que encontram no Rap a forma mais dinâmica, direta e democrática de repassar uma informação, uma denúncia, um saber; enfim, de transmitir um conhecimento que, por sua vez, pode ser interpretado como uma prática de educação. (ALVES, 2008, p. 31).

O Rap sob o olhar dos Rappers:

Em conversa com os agentes envolvidos com o gênero, percebe-se, que além da arte, o Rap permeia outros campos da vida e da formação dessas pessoas. Há um consenso entre os artistas, de que o contato com o Rap, ao longo dos anos, tornou-os adultos melhores, auxiliando-os no processo de crescimento intelectual, social, humano... Para a Dj Tati Laser (2020) o Rap no início era só uma música que ela curte, parte de um movimento que ela admira, porém, com o passar do tempo, passou a ser algo mais significativo em sua vida. “O Rap é ligado a mim e eu sou ligada ao Rap não tem jeito. E agora é profissão, depois que virei DJ... É minha vida” (LASER, 2020). o Rapper Enézimo (2020), acrescenta que o Rap auxiliou-o na sua educação e na forma como conduziu sua vida. “O Rap me conduziu até os 46 anos que tenho, a minha vida foi permeada pelo Rap, o Rap sempre fez parte, sempre foi preponderante na minha vida, foi minha formação, é a faculdade que a gente não fez e que você está fazendo agora” (ENÉZIMO, 2020).

A maneira como os Rappers aprendem suas práticas e o compromisso em repassar o aprendizado aos mais novos, nos mostra que se trata de uma cultura oral ancestral cujo a essência nos remete às culturas tradicionais africanas, atuando num ambiente urbano entre os jovens. Muitos Rappers, além da atuação artística, atuam como arte-educadores, agindo como se fossem griots dos tempos atuais. “Trabalhando como arte educadora, já vivenciei menino da fundação casa que saiu e lançou CD, menina que eu ensinei e hoje é DJ (meu orgulho), então acho que o Rap é arte sim, que salva e transforma”. (LASER, 2020)

Eu tive que pesquisar muito, vivenciar muito, pra trazer esse conhecimento também nas aulas e o Rap foi meu estudo. Tudo que busquei pra minha formação foi por conta do Rap. O Rap me fez ler melhor, me fez ler mais, me fez respeitar meus amigos, pensar coletivo, me fez amar mais o próximo, fez tudo isso aí... Tudo que eu busquei pra minha vida, o caminho do Rap me proporcionou tá ligado? Me proporcionou muita coisa boa, de conhecer meus amigos a fundo, de respeitar as pessoas, de ter um autoconhecimento, quando vc para pra escrever é como se fizesse uma autobiografia falando do seus anseios, das suas preocupações, da suas limitações também, dos seus sonhos... como você pode voar, como você pode ser livre... (ENÉZIMO, 2020).

Percebe-se que os Rappers têm sempre algo a dizer, a ouvir e até se ouvir... E como são ricas essas trocas de informações e aprendizados, construídos diariamente com a vida, em seu tempo e espaço. Talvez o mais difícil e doloroso, seja traduzir esses aprendizados para a

cultura livresca, receando não ser legitimado por ela, pois, a impressão que se tem, é que nesse processo, muitas vezes, nossas histórias chegam fragmentadas. Prova disso é a ausência da figura do beatmaker nos trabalhos acadêmicos sobre Rap, inversamente proporcional a sua importância dentro desse movimento.

Segundo a Dj Tati Laser (2020), fazer uma música é como escrever uma história, é necessário que todos estejam envolvidos, contribuindo com a obra, “Vai escrever uma letra precisa do beatmaker pra dar umas ideias, construir a batida junto, acho que é importante sim e é pouco falado. Existem muitos beatmakers bons e se você não for atrás, não pesquisar, você não encontra” (LASER, 2020).

Segundo Enézimo (2020) os próprios Rappers pecaram no passado em não citar os beatmakers em suas obras musicais, ele mesmo admite não ter dado créditos a todos os profissionais envolvidos em seus trabalhos anteriores, segundo ele, nós sabemos de todos os profissionais e demandas que envolvem a produção de uma música e deveríamos dar crédito a eles. “Como que você vai falar da história do NWA e não vai falar do Dr. DRE? vai esconder o beatmaker no meio? não tem como...” (ENÉZIMO, 2020).

A prática dos beatmakers são uma continuação das técnicas desenvolvidas pelos Djs, segundo o Dj Abade (2020), o Dj era personagem fundamental nos primórdios do Rap, tanto que nas capas dos discos dava-se mais importância ao nome dos Djs do que ao dos Mcs e da banda, a exemplo dos discos de: *Eric B. & Rakim*, *Grandmaster Flash & The Furious Five*, *Rodney O & Joe cooley*, *Cash Money & Marvelous*, o nome do Dj sempre vinha antes... ele era peça fundamental responsável por toda a produção “deixaram de ser coadjuvantes, produtores, dono do selo, dono da banda, pra ser um elemento no fundo do palco rolando músicas pro Mc cantar” (ABADE, 2020). O Mc com o poder do microfone nas mãos com o tempo passou a não falar mais do B. Boy do Beatmaker, do Dj, isso talvez tenha sido um erro. “A música não é só letra, a música não é só minha, sem a batida do Nato¹¹ a música não vai pra lugar nenhum, vai ser só uma poesia. Por conta disso o Rap é ritmo e poesia. Sem o ritmo que os caras trazem a gente não ia chegar a lugar nenhum” (ENÉZIMO, 2020).

Em relação a Universidade ele acha esperado que exista esse apagamento, da figura dos beatmaker e de outros agentes envolvidos na produção do Rap, ele acredita que dificilmente as pesquisas são realizadas por pessoas de dentro dessa comunidade, “geralmente não é os nossos que fazem, a gente é a cobaia do bagulho, muitas vezes os caras escrevem só os sintomas, não escrevem a história de quem está sendo pesquisado” segundo ele, a história

¹¹ Nato PK: Dj, Beatmaker e sócio do selo Pau-de-da-em-doido, responsável pelas produções musicais do Enézimo e pela discotecagem em suas apresentações ao vivo.

do povo preto é sempre contada intencionalmente de forma fragmentada, pois, uma maior representatividade do povo, significa uma ameaça, diminuição dos poderes e privilégios que a elite detém nessas instituições. Segundo Enézimo (2020), falar do beatmaker é nos dar mais poder. “O Beatmaker faz parte de uma cultura preta que será colocada bem fragmentada, se já somos ameaçadores fragmentados, imagina se chegássemos em bloco” (ENÉZIMO, 2020). Por tanto na opinião dos artistas entrevistados, a razão do apagamento da figura do beatmaker, tanto no universo Rap, quanto no ambiente acadêmico, é composta por um equívoco por parte dos próprios Rappers, aliado a uma atitude intencional, das pessoas que ocupam os espaços de poder, com a intenção de preservar seus poderes e privilégios. “Uma coisa é você chegar com o Racionais, mas é diferente você chegar com Racionais e o Dj Kl Jay, é outra fita, não coloca o KL Jay pra falar porque ele é monstro... então é mais fácil pesquisar pela metade, dar menos importância, achar que o beatmaker é menos importante” (ENÉZIMO, 2020).

As contribuições dos artistas entrevistados e o processo de construção deste artigo, convenceram-me, de que se faz necessário ocupar os espaços, desenvolver pesquisas, construir memórias e registros, também nos ambientes acadêmicos, embora sejamos parte de uma cultura viva, onde os saberes são transmitidos por meio da vivência compartilhada com amor. O Rap não é só letra, nem é só batida ou o sampler. Segundo Enezimo (2020), tudo no Hip hop é importante, pois nós vivenciamos tudo, não fazemos diferença sobre o assunto mais conveniente ou o melhor material, pois tudo é matéria, tudo é vivenciado. Já que vivenciamos tudo, valorizamos tudo, de uma forma particular.

Diferenças

*Quem traçou na terra
As linhas que dividem os povos?
Quem plantou nas linhas
As palavras com as quais não nos entendemos?*

*Em meu peito trago tantos cantos
Que nem mil bocas poderiam cantá-los,
Em meu corpo tenho tantas distâncias
Que nem mil abraços poderiam cruzá-las.*

*Mas se suas palavras estranhas
Chegarem como amigas, não se preocupe,
As entenderei como meu profundo
Sangue que palpita. (IASI, 2008)*

Referências Bibliográficas

- ALVES, Valmir Alcântara. **De repente o rap na educação do negro: o rap do movimento hip-hop nordestino como prática educativa da juventude negra**. 2008. Dissertação (Mestre em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- ANDRADE, Rogério Pelizzari de. **Rap, funk, pop internacional: percepções dos professores sobre as referências musicais dos alunos**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade De São Paulo, São Paulo, 2019.
- C., Toni; FERREIRA, Demetrios dos Santos. **O hip-hop está morto**. São Paulo: Literarua, 2014.
- CHIC. **Good Times**. EUA: Atlantic, 1979. Disco, 7", 45 Rpm.
- DYNAMIC Duo. **You Don't Know What I Know**. São Paulo: BMG, 1989, Disco 12", 33 ½ Rpm.
- Hip-Hop Cultura De Rua**. São Paulo: Paralelo, 1988. Disco 12", 33 ½ Rpm.
- HIP Rap Hop: região abissal - o primeiro disco de um grupo de rap nacional. São Paulo: Red Bull Noize, 2016. Curta metragem documental, Disponível em: <https://dnaurbano.com.br/videos>. Acesso em: 13 nov. 2020.
- IASI, Mauro Luiz. **Meta Amor Fases: coletânea de poemas**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- KADUNA: in Northern Nigeria. Several quite outstanding cavorting dancers. A form of breakdancing. Huntley Film Archives. Arquivo audiovisual, Disponível em: <https://www.huntleyarchives.com/preview.asp?image=1098274&itemw=4&itemf=0001&itemstep=1&itemx=1> Acesso em: 10 nov. 2020.
- KADUNA: in Northern Nigeria. Several quite outstanding cavorting dancers. A form of breakdancing. Huntley Film Archives. Arquivo audiovisual, Disponível em: <https://www.huntleyarchives.com/preview.asp?image=1098275&itemw=4&itemf=0001&itemstep=1&itemx=2> Acesso em 10 nov. 2020.
- ORQUESTRA Invisível Let 's Dance. Direção: Alice Riff. Produção: Carol Garcez, Roteiro: Alice Riff e Everlane Moraes. São Paulo: Studio Riff, 2017 Curta metragem documental Disponível em: <http://riff.tv.br/film/orquestra-invisivel-lets-dance/> acesso em: 5 nov. 2020.
- PAGINAS Pretas: Afrika Bambaataa e a origem do hip-hop. **Revista Raça**. Texto: Daniel Keny. São Paulo, 2016, Matéria de Revista, disponível em: <https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/> acesso em: 26/ out. 2020.
- PEPEU: dissecando a discografia do rapper. São Paulo: Musikako, 2018, Entrevista, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RN7FZ8uXEh4>. Acesso em: 20 out. 2020.

RACIONAIS. **Holocausto urbano**. São Paulo: Zimbabwe, 1990. Disco 12", 33 ⅓ Rpm.

REGIÃO ABISSAL. **Região Abissal**. São Paulo: Estúdio Eldorado, 1990. Disco 12", 33 ⅓ Rpm.

Remixou? Dançou!. São Paulo: Epic, 1987. Disco 12", 33 ⅓ Rpm.

SP FUNK. **O Lado b do hip hop**. São Paulo: Brava Gente, 2001. Disco 12", 33 ⅓ Rpm.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**: o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: editora 34, 1998.

TEIXEIRA, Michel Antônio Brasil. **Geração boom bap**: sampling e produção musical de rap em belo horizonte. 2018, Dissertação (Mestre em Artes) - Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

THAIDE E DJ HUM. **Movimento de Rua**. São Paulo: Estúdio Eldorado, 1990. Disco 12", 33 ⅓ Rpm.

THE SUGAR HILL GANG. **Sugarhill Gang**. EUA: Sugar Hill Records, Disco 12".

TRIUNFO. Direção: Caue Angeli e Hernani Ramos. Produção: Maria Lucia Ramos. São Paulo: Canal Aberto, 2014. Curta metragem documental, Disponível em: <https://vimeo.com/115718252> Acesso em: 29 set. 2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Dedalus**: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. São Paulo, Disponível em: <https://teses.usp.br/?lang=pt-br>. Acesso em: 10 out. 2020.

ENTREVISTADOS

ABADE - Dj profissional, Produtor, São Paulo, em 24 nov. 2020, via rede social, Disponível no link: https://www.instagram.com/p/CH_mQk4H745/

ENEAS Enezimo - Rapper, Arte Educador, Sócio do Selo: Pau-de-da-em-doido, São Paulo, em 04 nov. 2020, Via rede social, Disponível no link: <https://www.instagram.com/p/CHMLioens3j/>

TATI Laser - Dj profissional, Arte Educadora, São Paulo, em 06 nov. 2020, via rede social, Disponível no link: <https://www.instagram.com/p/CHRDJhUnSay/>